



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS I – CAMPINA GRANDE

CENTRO DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

DAIANE CARLA MUNIZ SABINO DE SOUSA

**ENSINANDO DENTRO DA MINHA CASA: PROFESSORAS DE HISTÓRIA E A
PANDEMIA DO COVID-19 NA PARAÍBA (2020-2021)**

CAMPINA GRANDE

2022

DAIANE CARLA MUNIZ SABINO DE SOUSA

**ENSINANDO DENTRO DA MINHA CASA: PROFESSORAS DE HISTÓRIA E A
PANDEMIA DO COVID-19 NA PARAÍBA (2020-2021).**

Trabalho de conclusão de curso (artigo),
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
2022. Pelo curso de História da Universidade
estadual da Paraíba.

Orientadora: Prof. Mestra. Dr. Maria do Socorro Cipriano.

CAMPINA GRANDE

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S116e Sabino, Daiane Carla Muniz.
Ensinando dentro da minha casa [manuscrito] :
professoras de história e a pandemia do Covid-19 na Paraíba
(2020-2021) / Daiane Carla Muniz Sabino. - 2022.
19 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2023.
"Orientação : Profa. Dra. Maria do Socorro Cipriano ,
Coordenação do Curso de História - CEDUC."
1. Pandemia Covid-19. 2. Ensino de história. 3. Educação.
4. Mulher. I. Título

21. ed. CDD 372.89

DAIANE CARLA MUNIZ SABINO DE SOUSA

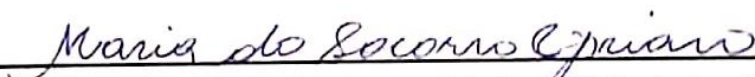
**ENSINANDO DENTRO DA MINHA CASA: PROFESSORAS
DE HISTÓRIA E A PANDEMIA DO COVID-19 NA PARAÍBA
(2020-2021)**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura Plena em 2022. Pelo curso de História da Universidade estadual da Paraíba.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Cipriano.

Aprovada em 27/07/2022

BANCA EXAMINADORA



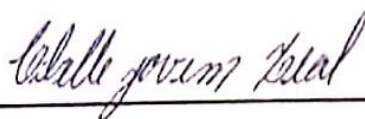
Profa. Dra. Maria do Socorro Cipriano (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Mestra. Márcia Albuquerque Alves

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Mestra Cibele Jovem Leal

Universidade Estadual da Paraíba
(UEPB)

Dedico a todas as mulheres, que conseguiram desempenhar, com maestria seu papel durante um período sombrio da história da contemporaneidade. Que deram o seu melhor para conseguir de maneira efetiva levar a educação e aprendizado a seus alunos, mesmo perante as dificuldades, enfrentando seus problemas pessoais, e todas as dificuldades desse momento da nossa história. A todas que mesmo enfrentando ansiedade, depressão, entre outros problemas que afetam o mental e psicológico, e mesmo assim não abandonaram o seu dever de educadora.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	06
2 MUDANÇAS NA EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA.....	09
3 DESAFIOS ENFRENTADOS NAS AULAS REMOTAS.....	11
4 CONCLUSÃO.....	16
REFERÊNCIAS.....	17

ENSINANDO DENTRO DA MINHA CASA: PROFESSORAS DE HISTÓRIA E A PANDEMIA DO COVID-19 NA PARAÍBA (2020-2021).

Daiane Carla Muniz Sabino de Sousa¹

RESUMO

A partir do contexto da pandemia do Covid-19, que também afetou o ensino no Brasil, o presente artigo traz a abordagem de como a operacionalização das aulas remotas afetaram a prática do ensino de história e a rotina das professoras, ao introduzir a sala de aula dentro de seus lares, durante o período de 2020 e 2021. Nessa perspectiva, buscamos refletir como essa relação entre professores e alunos foi acomodada nesse novo cenário; sobre a importância e os usos da tecnologia e equipamentos eletrônicos para continuidade das aulas e, ainda, sobre a vivência do espaço do lar agora também como ambiente escolar. Como fontes principais, a pesquisa envolveu depoimentos de professoras disponíveis na web e entrevistas realizadas com duas professoras de escolas públicas de ensino médio, que atuaram em dois municípios paraibanos durante o período de maior intensidade pandêmica. Ao analisar as falas das professoras sobre suas dificuldades, frustrações e limites na prática pedagógica no contexto, também tenta-se observar se houve algo de positivo em suas experiências cotidianas. Além dessas fontes, a pesquisa envolveu um diálogo com a historiografia sobre o tema da pandemia e práticas de ensino, incluindo autores como CERTEAU, Michel de (1986); Tadeu Tomaz da Silva (2017) e Rubem Alves (1980).

Palavras-chave: Pandemia. Educação. Mulheres. Ensino.

ABSTRACT

From the context of the Covid-19 pandemic, which affects Covid-19 in Brazil, this article brings the approach of how to operationalize the teaching classes of practice class of teaching history and the routine of the teachers, when also starting the remote classroom within their homes, during the period 2020 and 2021. In this perspective, we seek to reflect on how this relationship between teachers and students was accommodated in this new environment; about the importance and uses of technology and electronic equipment for the continuity of classes and also about the experience of the home space now as a school. As main sources, a research in the school of university professors, two testimonies of professors available on the web and carried out with two teachers of middle public teachers, who work in periods of higher education for the municipalities. When analyzing the teachers' speeches about their difficulties, frustrations and limits in the pedagogical practice in the context, we also try to observe if there was something positive in their daily experiences. Sources, including automatic research on the dialogue with the pandemic theme and teaching practices, including authors¹ such as the dialogue with Tadeus Tomaz da Silva (20) and Rubem A Silva (1980).

Keywords: pandemic. Education. Women. Teaching,

¹ Daiane Carla Muniz Sabino de Sousa, professora graduada pela Universidade Estadual da Paraíba. Monitora voluntária do Núcleo de Pesquisa e Extensão em História Local (NUPEHL – UEPB). Fagundes – PB.

1 INTRODUÇÃO

Com a chegada da pandemia ao Brasil, em 2020, além das nossas vidas cotidianas muitas coisas foram impactadas, cada um sendo afetado de alguma maneira, além dos setores dos comércios, religiosos, entretenimentos, com a área da educação não foi de outra forma. Com o fechamento das escolas e as aulas completamente suspensas, a educação ficaria para depois? E como resolver os problemas relativos ao atraso no aprendizado das crianças e adolescentes? Como atuariam os professores nesse processo?

Na incerteza de um futuro o qual não se tinha a menor perspectiva, sem saber quando e como tudo acabaria, algumas respostas foram aparecendo no cenário que se desenhava. Por isso, o ensino virtual apresentou-se como o caminho mais viável para que a escola permanecesse ativa e, como este, os encontros das professoras diante dos novos desafios da prática pedagógica. Enquanto mulher, a professora teve que conciliar seus afazeres domésticos e o seu trabalho.

Dessa forma, a figura da *professora* não deve ser relegada nesse processo de readaptação do ensino no período da pandemia da Covid-19, pois ainda como afirma Wilma Bueno “permanecem as concepções sobre a responsabilidade das mulheres nas tarefas domésticas, bem como o desafio de vencerem os obstáculos para conciliar seu duplo papel” (BUENO, p.18). Para pensar sobre esse contexto tão singular, este artigo pretende analisar sobre a seguinte questão: *como a pandemia afetou a rotina das professoras em sua prática de ensino, ao transformar o espaço de sua casa em sala de aula.*

No cenário inicial do surgimento da pandemia no Brasil, na tentativa de frear seu avanço drástico, foi decretado a quarentena, inicialmente de quinze dias, com o avanço inesperado se protelou para algo indeterminado, não havia como saber por quanto tempo mais duraria a paralização de todas as atividades. Nessa fase inicial, com as escolas fechadas e aulas totalmente suspensas, precisou ser pensado uma nova maneira de continuar as aulas de maneira remota, sem que houvesse o contato entre pessoas, para que não se descumprisse a quarentena.

Com isso, inicialmente, alguns setores da educação, precisaram criar estratégias de manutenção do ensino, ao exemplo de entregas de atividades para os estudantes, de modo que o aluno as desenvolvesse em sua casa e devolvesse para as devidas correções e emissão das notas. Tal procedimento funcionou como uma maneira de não parar totalmente as atividades escolares e manter o vínculo com a escola, pois um dos problemas a ser controlado era a evasão escolar. Porém, no decorrer do tempo, tendo em vista a propagação do vírus, e o avanço desenfreado da pandemia, soluções mais eficazes teriam que ser tomadas e foram sendo criadas as plataformas digitais mais adequadas para a prática de ensino.

As aulas remotas, os espaços virtuais, onde cada aluno e cada professor teria que dispor de internet e equipamentos para participarem das aulas de maneira remota, mas ao vivo, onde o professor poderia ministrar suas aulas como de costume na sala de aula, e os alunos poderiam tirar suas dúvidas ali mesmo naquele momento, só que agora, virtualmente, em suas casas. Um novo mundo estava sendo criado, mas será que ele era a solução para todos os problemas?

Com a migração da sala de aula para dentro de suas casas, alunos e professores se viram desafiados a uma rotina, pouco e talvez nunca vivida por eles, um momento atípico, que como qualquer mudança, exige um tempo de adaptação, para ambas as partes, alunos, pais e professores. Quais consequências trariam essa mudança drástica de rotina escolar para todos? Esperava-se que a grande maioria

dos alunos estivessem aptos a assistir as aulas, mas nem todos possuíam computadores, ou aparelhos celulares e, assim, nem poderiam participar das aulas.

Os pais também tiveram que participar desse momento do aluno, organizar o tempo para ficar em casa, participando ativamente da aula. E para os professores? Qual suporte a escola, a direção deu para esses, e quais medidas foram tomadas para que se pudesse executar as aulas da melhor maneira possível?

Como teria sido essa adaptação, essa nova rotina? Ter a missão de desenvolver aulas as quais teriam que ser atrativas o suficiente para que assim pudesse atrair e prender a atenção do aluno durante o tempo da aula. E como não se questionar como foi desafiador para as professoras, tendo em vista que a grande maioria, inclusive, por serem mulheres, já possuem uma rotina intensa, e muitas se sobrecarregam com atividades domésticas, e outras ainda tem que dedicar seu tempo para cuidar de seus filhos, e os ajudarem em suas atividades, afinal estavam todos vivenciando a mesma experiência de estar em aula, porém em casa.

Sobre essa mudança que a educação sofreu em um país, onde a mesma já é negligenciada, há muitos questionamentos, mas nesse debate vai ser tocado em um ponto um pouco mais delicado.

Com a ciência de que vivemos em uma sociedade historicamente machista e patriarcal, e por muitas vezes arcaica em seus costumes, se sabe que os cuidados da casa e dos filhos estão impostos prioritariamente para as mulheres, e que raras as vezes há uma divisão justa dos afazeres, entre os membros da família, essa tradição cultural acaba sobrecarregando a mulher, fazendo com que boa parte das atividades domésticas recaia apenas sobre elas, e muitas não tem uma rede de apoio, ou alguém que as auxiliem em suas atividades, e cuidados com os filhos.

Com base nisso, é pertinente o questionamento de como foi para essas mulheres essa mudança súbita de suas rotinas, agora essa mesma mulher, também na condição de professora, pois teria que se desdobrar para executar várias tarefas, no mesmo ambiente: seu lar.

Como foi para essas professoras trazer para sua casa a sala de aula? Com seus filhos em casa a atenção seria dobrada, ou triplicada. Cuidar dos filhos, da casa, planejar e executar as suas aulas. Será que todas tinham ao seu dispor um ambiente apropriado para isto? E ainda está com a casa impecavelmente limpa, que é o que é cobrado pela sociedade.

Com tantas cobranças, obrigações e deveres a serem cumpridos, as professoras certamente vivenciaram muitas outras coisas além da nova rotina. Com tanta pressão e sobrecarga, provavelmente muitas delas desenvolveram alguma(s) doenças tanto físicas, quanto psicológicas, pois em um momento em que todos estão fragilizados, rodeados de mortes, e notícias não tão boas, há uma pressão e até mesmo uma autocobrança, para que tudo saia perfeito, afinal estavam em suas casas, o que pode ser visto como um bom ambiente para trabalhar, pois não precisava se deslocar para o trabalho.

Com isso, esse artigo tem como objetivo questionar sobre como a pandemia, e a introdução da sala de aula em seus lares, afetou a rotina, e quais desafio, a mulher enquanto, mãe, dona do lar e mais importante, professora, enfrentaram, e como fizeram para conciliar e lidar com esse novo trajeto, que fora lhe imposto bruscamente.

Tomando por base as leituras sobre os desafios das novas práticas docentes em tempos de pandemia, esta análise também dialoga com algumas referências, tais como Tomaz Tadeu (2017), como forma refletir sobre as práticas pedagógicas contemporâneas e sua relação com as produções de desigualdades sociais e de gênero, pois é necessário compreender esses processos pelos quais as mulheres

foram inferiorizadas em suas profissões, com isso fazendo a reflexão de como essas profissionais lidaram com duas funções em um mesmo ambiente.

Também na perspectiva da construção de gênero, Guacira Lopes (2003) contribui aqui para pensar sobre como a instituição escolar exclui corpos, controla e disciplina pessoas. Pois, para a autora o corpo também é produzido no campo da cultura².

Para Certeau, a História enquanto disciplina deve adotar um caráter interdisciplinar, devendo encontrar em outras disciplinas conceitos onde possa experimentar e ver coerências dentro delas. “Nela podem ser evidenciados os limites de significatividade relativos aos “modelos” que são “experimentados”, um de cada vez, pela história, em campos estranhos ao de sua elaboração” (CERTEAU, 1982, p. 81). A História em seu papel como disciplina pode-se ser pensada como algo que faz parte de um lugar social. “É impossível analisar o discurso histórico independentemente da instituição em função do qual ele se organiza silenciosamente; ou sonhar com uma renovação da disciplina” (CERTEAU, 1982, p. 62). Sendo assim a História não pode ser separada da instituição, enquanto sofre influências da mesma.

Tendo a História passado por uma série de modificações em sua forma de escrita, passou a ter um caráter cultural, tendo então uma nova forma da História trabalhar a cultura. Para Sandra Pesavento (2012, p.6), traduzir o mundo através da cultura deve-se dar atenção a elementos recorrentes e também em suas diferenças de uma cultura a outra. “Se estamos em busca de retrair uma postura e uma intenção partilhada de traduzir o mundo a partir da cultura, é preciso descobrir os fios, tecer a trama geral deste modo de fazer História”

O ensino de história nas escolas brasileiras passou por uma série de mudanças, desde o período colonial até a contemporaneidade. Com isso, destaca-se a importância do conhecimento que contribua sobre história na formação do aluno, sobre forma como professores usam materiais que tornem suas aulas dinâmicas para que seja atrativa para os alunos.

Este trabalho busca ainda tratar a relação das professoras com as aulas remotas de História, sem perder de vista as transformações promovidas nas últimas décadas no campo da história e da história cultural. Pois, como disse Sandra Pesavento (2012, p. 06), “foi sem dúvida um contexto histórico preciso e datado que produziu essa mudança que, em última análise pode ser vista como um ajustamento da realidade do mundo às formulações explicativas do homem para dar conta do próprio mundo” (PESSAVENTO, 2012, p. 06).

Sendo assim, com base nessas transformações sobre a escrita da história e, conseqüentemente, sobre uma nova forma dessa disciplina ser lecionada no contexto da pandemia, é importante problematizar o feito das aulas e todo o processo que envolve as práticas de ensino/aprendizagem. Mas também, é necessário indagar sobre como as professoras atuaram nesse ambiente improvisado.

Para problematizar a atuação de professoras do ensino, a pesquisa contou com depoimentos disponíveis na internet e também entrevista direta realizada com duas professoras paraibanas, da rede pública sendo uma do município de Queimadas, e a outra do município de Gado Bravo, que serão tratadas por professora A e B, fazendo

² Como má sociedade construída seguindo o patriarcado, vemos algumas áreas “masculinizada”, antes toda como um lugar masculino, profissões que cabiam apenas aos homens e não era preenchida pelo feminino. Porém, como Guacira aponta, estudiosas feministas conseguiram se impor, e abrir caminhos para que outras mulheres, pudessem posteriormente adentrar nesses ambientes. “Mais ainda, as estudiosas feministas iriam também demonstrar e denunciar a ausência feminina nas ciências, nas letras, nas artes.” (LOURO, 1997, p.4)

assim um paralelo de como cada gestão reagiu a esse momento. No primeiro momento da pandemia, nos anos 2020 e 2021.

Ao tomar os questionários e depoimentos das professoras como fontes possíveis para análise histórica, deve-se ressaltar a importância dessas fontes para pensar o tema de análise, no sentido de ajudar na compreensão sobre suas experiências das aulas remotas.

Pois, embora esta pesquisa aborde a relação entre a pandemia e a prática docente, a pretensão não é apontar conclusões sobre um período tão complexo, mas refletir sobre essas vivenciadas e falas das professoras, para que seja possível registrar inquietações, lançar questionamentos futuros e não perder de vista a riqueza dessas experiências cotidianas enquanto práticas de ensino.

2 MUDANÇAS NA EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

A educação no Brasil há muito tempo tem sido negligenciada, muitas escolas funcionando com menos que o básico, professores sendo menosprezados e diminuídos perante outras profissões, o descaso do governo e/ou má administração de recursos prejudicam a qualidade do ensino para os cidadãos brasileiros e a crise na educação é algo notório.

Por outro lado, alunos desmotivados e que acabam resultando em conflitos com professores e com outras autoridades na escola. Para muitos desses alunos, a escola não representa um atrativo, mas obrigação. Talvez, tal comportamento seja o resultado da crise das escolas, resultado da falta de investimento na educação por parte dos governantes³.

Nesse cenário, temos professores que tentam de alguma forma tornar sua aula mais dinâmica, para que assim seja mais atraente para seus alunos. Procuram de alguma forma levar algo novo para prender o aluno em sua aula e despertar nele o interesse em aprender. Isso em um ambiente presencial, no espaço físico da escola.

A educação, portanto, está sempre em um processo de evolução. Com o avanço das tecnologias, e o alcance maior das universidades aos indivíduos, tornou-se mais fácil ter um diploma, com isso existem muitos professores formados, porém poucos com atuação em excelência em sala. Muitos apenas para ter uma profissão e um salário para se manter, como disse Rubem Alves (1980 p.11), professores há muitos, mas nem todos são educadores.

Educadores, onde estarão? Em que covas terão se escondido? Professores, há aos milhares. Mas professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão; é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança. (ALVES, 1980 p.11)

Com a chegada do temido corona vírus ao Brasil, não foi diferente. Um novo mundo o qual todos, alunos e professores tiveram que se adaptar a ele, ou seja, os professores tiveram que se (re)inventar. Salas de aulas online, aulas remotas, EAD. Vários termos antes pouco usados pela grande maioria, introduzidas no nosso cotidiano de maneira abrupta e inesperada, e de certo modo se tornando para todos algo rotineiro e, portanto, comum, como se ouve muito falar, esse é o “novo normal”.

¹ Segundo um estudo feito pelo Anuário Brasileiro de Educação Básica, em 2017, 760 mil crianças entre 4 a 14 anos estão fora da escola — e o número cresce quando falamos de jovens entre 15 a 17 anos: são 1,7 milhões!

A crise global de aprendizagem provocada pelo fechamento das escolas parece ser ainda mais grave do que se temia: esta geração de alunos corre o risco de perder mais de US\$ 17 trilhões de rendimento futuros em valor presente, o que equivale a 14% do atual Produto Interno Bruto (PIB) mundial. (abmes.org.br)

Porém de certo modo, não foi assim tão sutil trazer para dentro de casa a sala de aula, esse lugar antes era tido mais como espaço de descanso e do privado, agora se transformou em ambiente de trabalho.

Segundo Edna Câmara Monteiro (2020, p. 02) em seu estudo sobre as experiências da educação no contexto da pandemia, o ensino EAD já estava em discussão mesmo antes do ensino remoto: “Desde os primórdios da educação pensava-se em novos métodos que fugissem aos tradicionais da sala de aula para dinamizar e facilitar o acesso à educação.”

Em alguns setores da educação, principalmente na rede privada, como em faculdades, o ensino na modalidade EAD já se fazia uso de algumas tecnologias que não eram utilizadas nas escolas públicas. Portanto, segundo a autora, com a pandemia houve a necessidade de incorporar em todos os setores da educação, caso contrário as atividades ficariam suspensas por tempo impreciso, e com isso tornou notória as dificuldades de muitos professores, alunos e pais possuíam em fazer uso da tecnologia com fins educacionais. Muitos nem sequer tinham ao seu dispor equipamentos, e em caso de famílias mais carentes, nem sinal de internet tinham e suas residências, o que para muitos hoje pode parecer algo não possível de existir, é a realidade de muitos, em uma sociedade desigual.

Segundo os autores, Ronan da Silva Parreira Gaia, Cristina Aparecida Silva e Thais Peterossi Candido, no artigo *Desigualdades Sociorraciais na Educação Básica Brasileira: considerações à luz do contexto da pandemia da COVID -19*, os problemas com a educação seguem uma longa tradição: “Desde o início de sua existência enquanto colônia de exploração ibérica, o Brasil é um lugar marcado por desigualdades.” (p 23). Sabe-se que muitos estão à margem da sociedade e com isso tem menos acesso a determinadas tecnologias. O que os autores dizem sobre o momento atual?

Para além dos desafios e toda dificuldade enfrentada por alunos marginalizados, há o debate, o qual este artigo busca dialogar, que é a adaptação de professores a esse novo contexto, professores da rede pública, onde a educação mais sofre pela desigualdade, enfatizando a atuação da professora em sua condição do feminino. Busco problematizar como essas mulheres conciliaram tantas atividades, em um momento tão delicado, confrontando riscos não só da saúde física, mas também mental e emocional.

De acordo com o relato da professora Carla Borges, para o site *Porvir* (LOPEAS, Marina. 2021). *O desafio de ser mulher, mãe e professora, durante a pandemia*. Foi difícil para ela separar tempo para dedicar-se à família e assumir as atividades do cotidiano, tendo que planejar e lecionar aulas em duas escolas diferentes, de maneira remota. E com isso veio o sentimento de culpa. A autora relata:

Ao mesmo tempo em que você leva qualidade para educação das crianças, você se sente frustrada por não conseguir fazer o mesmo em casa com seu filho. Isso sem falar nas tarefas domésticas. Eu como mulher, me senti frustrada várias vezes. (LOPES, 2021)

Junto com o desabafo dessa professora, vêm à reflexão de como tantas professoras tiveram que se desdobrar em diversas tarefas diariamente, tendo em vista que as mulheres ocupam 80% dos 2,2 milhões de docentes em sala de aula.(psdb.org.br). Tantas que não tem rede de apoio, e há casos onde o machismo está intrinsicamente estruturado, e os maridos não querem sequer dividir as atividades, tão pouco ajudar a mulher nos afazeres e cuidados com os filhos. A professora Renata contou a matéria para o Canaltech que:

Lidar com a tecnologia foi um desafio diário. Além de não dominar as ferramentas, ainda foi preciso adequar tudo ao cotidiano, visto que,

estando em quarentena, eram os filhos, a casa, os afazeres, além da preocupação constante com os alunos. Sempre tentando fazer o melhor para garantir o mínimo de aprendizado. (Abril, 2021).

Portanto, de forma geral, pode-se perceber que quase sempre para as professoras foi uma tarefa mais desafiadora que para seus colegas homens. Mesmo que houvesse a divisão dos afazeres a preocupação era constante, pois há uma cobrança maior, e no caso das mães, a criança busca mais por amparo materno que paterno.

Como disse a professora Carla para o site *Porvir* (LOPES, 2021) “Por mais que o pai ajude, a criança chama a mãe o tempo todo.” O que denota que a mulher assume vários lugares ao mesmo tempo e que é sempre acionada para múltiplas tarefas em casa.

De acordo com Tomaz Tadeu da Silva, na prática escolar, as atividades de gênero são fortemente demarcadas:

Certas matérias e disciplinas eram considerados somente manualmente enquanto outras eram consideradas naturalmente femininas da mesma forma certas carreiras e profissões eram consideradas uns masculinos nas festinhas estando praticamente vedadas as mulheres. (SILVA, 2017 p.92).

Da mesma forma que as profissões atribuíam uma essência feminina ou masculina, o papel de cuidar e manter o lar estava designado para as mulheres. E que “A sociedade está feita de acordo com as características do gênero dominante, isto é, o masculino.” (SILVA, 2017, p.93). Com isso pode-se compreender mais sobre o papel que a sociedade deseja que a mulher desempenhe, pois está seguindo um padrão definido por um modelo patriarca.

3 DESAFIOS ENFRETTADOS NAS AULAS REMOTAS

Para melhor compreender os desafios enfrentados por essas profissionais, foram realizadas entrevistas com duas professoras de Ensino Médio em escolas públicas da rede estadual de dois municípios diferentes, em meses de abril a dezembro, visando equiparar como as diretorias das escolas elaboraram estratégias para tentarem frear os efeitos da pandemia no aprendizado dos alunos.

Buscando um pouco mais de perto ter dimensão de como foi esse momento em suas vidas, as perguntas foram diretas e as mesmas perguntas foram dirigidas para ambas as professoras. Estas falaram sobre suas experiências individuais e sobre como foi essa adaptação, e quais foram os maiores desafios encontrados nesse período de adaptação ao novo formato de ensino.

Sendo ambas da rede estadual, a professora da Escola Estadual Francisco Ernesto do Rêgo localizada no município de Queimadas – PB, professora A, e a professora da escola estadual João da Silva Monteiro localizada no município de Gado Bravo – PB, professora B. Para iniciar esse diálogo foi feita a seguinte questão: “Quais medidas e soluções a escola ofereceu aos professores?” Ao que respondeu a professora A:

Sobre as medidas e possíveis soluções apresentadas pela escola, o governo do Estado da Paraíba sugeriu que a gente usasse diversas ferramentas, o que foi de início mais usado, foi a criação de grupos de WhatsApp, a criação de drives onde a gente colocava o material a retomada do Classroom, eu já tinha em um curso de especialização que eu havia feito, onde a gente usava a plataforma, mas como aluna, não tinha usado como professora, e a gente passou a utilizá-la, que foi uma das

ferramentas mais utilizadas e para gravação das aulas, e as ferramentas oferecidas pelo Google que a gente mais utilizou.

A fala da professora A releva como a sua prática docente teve que passar por mudanças muito rapidamente, adequando-se às novas tecnologias introduzidas no seu cotidiano. Por já possuir um curso de especialização, ela já tinha uma certa familiaridade com parte dessa linguagem midiática e, mesmo assim, conta como teve que acionar vários recursos (criação de grupos de *Whatsapp* e de *drives*) para que suas atividades de ensino fossem realizadas. Ela deixa transparecer como seu cotidiano teve que ser reorganizado a partir da interação com plataforma disponibilizada.

Já a professora B, ao ser perguntada sobre “Quais medidas e soluções que a escola ofereceu aos professores?”, respondeu que realizaram *“apenas reuniões, uma vez a cada bimestre temos reuniões com a gerência, formações etc. Mas nada, além disso”*.

Com essa resposta podemos perceber que a professora B teve mais possibilidades de improvisar para suas aulas como ela achasse mais viável para torná-las mais interessante para sua turma, pois a ela não foi dada nenhuma sugestão de como ela teria que ministrar as suas aulas, tendo ela que usar as ferramentas mais próximas a ela. Mas também, sua fala sugere que ela não dispôs de muito apoio para tomar decisões acerca de sua prática de ensino.

Também foram questionados, quais medidas a escola tomou em relação aos alunos que não possuíam internet, ou equipamentos para participar das aulas e se foi dado algum suporte para estes?

Professora A: *“Para os alunos que não dispunham de equipamentos ou internet, havia as atividades impressas, entregues pela escola para atribuição das notas”*.

Professora B:

“As escolas têm o chamado ‘portfólio’ e a cada bimestre todos os professores elaboram exercícios e a escola imprime, o aluno vai lá pega a atividade dentro de um prazo devolvem, os professores fazem a correção e aferiam a nota”

Ao analisar as respostas de ambas as professoras, nota-se que a escola não teve muito um papel ativo para a continuidade das aulas mesmo perante o novo cenário. Aqueles alunos que não tinham acesso as tecnologias foram prejudicados em seus aprendizados, levando em conta que eles não participavam das aulas, perdiam as explicações das professoras, e também não tinham a oportunidade de tirar suas dúvidas, o único benefício foi o da não reprovação.

Diante desse quadro, percebe-se até mesmo um certo descaso, e despreparo da parte do Estado, pois não foi pensada em uma maneira eficaz para diminuir o impacto dos prejuízos daqueles alunos menos favorecidos. Observa-se também que as professoras não tiveram o mínimo de suporte para lecionar, tendo que aprender sozinhas como fazer uso das ferramentas disponíveis para elas naquele momento. Isso fica igualmente demonstrado nas questões a seguir, sobre “quais maiores dificuldades no ensino remoto”, veremos como foi para elas lidar com algumas das ferramentas necessárias para as aulas.

Segundo a professora A:

Para mim a maior dificuldade de adaptação, foi esse mundo virtual mesmo, de equipamentos de começar a dar aulas online, dos processos de gravação de aula, eu tenho bastante tempo de sala de aula, mas nunca tinha passado por essa experiência. Esse aprendizado também, para questões tecnológicas para usar essas ferramentas foram difíceis para mim.

Ao ser questionada sobre como foi para elas essa transição da sala de aula para sala de aula virtual, uma delas relatou o que foi mais desafiador foi a falta de privacidade, pois se sentia exposta diante da câmera, pois os alunos não só a ouviam, mas também viam sua casa e o ambiente que ela lecionava. Perguntada sobre como a condição do feminino enquanto docente trouxe dificuldades nessa adaptação do trabalho para espaço doméstico, e se elas dispunham de um ambiente específico para realização das atividades escolares.

A Professora B responde:

“Levar a sala de aula para dentro de casa para mim acho que foi uma das partes mais difíceis, porque você está muito exposta, você entra na casa das pessoas, com a câmera aberta, enquanto professora eu me sentia na obrigação de estar com a câmera aberta, enquanto os alunos não abrem, e você expõe a sua casa, sua rotina as pessoas da sua casa, e eu sou do sítio, e além do barulho normal do dia a dia de uma casa, tem o barulho do sítio, dos animais e tudo mais, que é meio constrangedor às vezes, mas é uma questão de se habituar, como tudo na vida”

Nas aulas remotas, essas professoras como outras várias professoras do Brasil, passaram não só por uma séria de adaptações, com o uso da tecnologia e o ensino a distância, mas também sua jornada de trabalho um pouco mais intensa, como afirmam as autoras, ao tratar do contexto da Pandemia da Covid-19 na grande João Pessoa:

A nova rotina de trabalho em *home-office* intensificou o trabalho das docentes, pois além das complexas questões pedagógico-didáticas relativas ao ensino remoto, a insuficiente formação e a falta de infraestrutura das escolas, em meio ao trabalho doméstico, levou as professoras a trabalharem por mais horas, alargando suas jornadas de trabalho. O formato de comunicação, principalmente por mensagens do *Whatsapp*, aumentou o tempo dedicado ao trabalho. (ARAÚJO, 2020 p. 11)

Conforme a afirmativa da autora, a grande maioria das professoras do ensino público no Brasil, não foi dado nenhum suporte ou formação prévia para manuseio das novas ferramentas, como veremos posteriormente. A falta de um lugar adequado para aula remota parece ter sido um dos principais problemas nas experiências dos professores em diversos lugares do país. No contexto da Paraíba, como resposta à pergunta se elas tinham lugar específico para realizações das atividades escolares elas responderam:

Professora A:

“Para mim foi possível separar um ambiente mais adequado, mais silencioso para realizar as aulas, e por estar em um ambiente só com adultos foi algo que facilitou”.

Professora B:

“Eu não dispunha de um ambiente específico, foi tudo no improviso, inclusive eu dou aula na máquina de costuras que eu herdei da minha avó, foi uma ‘gambiarra’ que eu fiz, não tinha essas cadeiras gamers, para mais conforto e tal, foi em um cantinho da casa com uma mesa adaptada.”

Com essas falas podemos analisar que cada mulher, individualmente enfrenta questões diferentes, enquanto uma já tem uma maior experiência de sala de aula, e um lugar adaptado para ministrar as aulas, a outra professora não tinha a sua disposição equipamentos e lugar adequado para ministração das aulas. Elas sofrem em aspectos diferentes, a que não possui, sente-se constrangida em mostrar sua casa e com barulhos que eventualmente surgiam durante as aulas.

Para a questão de quais as metodologias que foram utilizadas para a execução das aulas, e quais dinâmicas foram aplicadas para que acontecessem as mesmas, obtive as seguintes respostas:

Professora A:

“Para as aulas online, eu explorei muito vídeos, mapas mentais e as aulas do Google Meet, tinha os slides feitos previamente com o resumo do conteúdo para eles irem seguindo o roteiro da aula para se sentirem também mais seguros e mais orientados naquilo que estava se falando, e a utilização das atividades através do Google Forms.”

Professora B:

“Sobre as metodologias, tem suas vantagens tem suas vantagens, a vantagem da gente trabalhando online são os recursos, tem o recurso de vídeos, de filmes é tudo muito mais fácil, e não precisa estar copiando. Porque aquela questão que você está copiando no quadro, ela acaba que tomando o tempo do professor não é da explicação, do diálogo com o aluno. Então essa questão de os equipamentos tecnológicos estarem a mão de uma forma mais fácil e mais rápida é um benefício, porém, alguns desses recursos eles são novos e como para as atividades não é os forms é particularmente eu não conhecia o próprio Meet, que era uma ferramenta que eu não conhecia e fui me familiarizar com ele. Antes de ser professor, a gente vai conhecer essas ferramentas novas que fomos obrigados a usar, como aluno não conhecia essas ferramentas a maioria dos professores também não conhecia então a gente teve que estudar teve que praticar inclusive com o pessoal de casa.”

Sobre as metodologias, elas utilizaram o que tinham ao seu alcance, sendo necessário serem criativas para tornarem as aulas atrativas, esse cenário também pode ser observado em outras escolas da Paraíba, como podemos observar também no artigo de *“Professoras da educação básica da grande João Pessoa em home office no contexto da pandemia da Covid- 19”*, onde foi realizado pelas autoras uma pesquisa sobre o ensino remoto, as autoras⁴ portanto, concluíram que:

“Em uma tentativa de tornar o ensino possível, muitas docentes buscaram por ferramentas e metodologias de ensino a distância por conta própria. Tal esforço e intensificação do trabalho deixou marcas na vida das professoras, que se veem diante de situações que provocam sensações de frustração, insegurança, estresse, medo, ansiedade, além de cansaço físico e dificuldade em se concentrar em atividades cotidianas. Ficou clara a necessidade de reinventar-se enquanto profissional, ao mesmo tempo que se considera importante cuidar da saúde física e mental” (ARAUJO, 2020 p. 11)

Ambas as professoras relataram a sua maior dificuldade esteve em se adaptar com a tecnologia, pois foi para elas algo que teve que ser aprendido na prática, sem haver nenhuma formação ou treinamento antes. Em relação as atividades domésticas, foi algo de rápida adaptação para elas, pois foi algo contornável, por não terem crianças em casa.

Professora A:

“Em relação ao ambiente doméstico, para mim foi menos traumático que para outras colegas que eu acompanhei que tinham filhos pequenos, porque no meu caso eu não tenho crianças em casa eu só tenho um filho que já está com vinte e dois anos, que estar na universidade, então compreende né, obviamente muito melhor essa dinâmica.”

⁴ Bruna Carvalho Araújo, Laryssa Karolyne Fernandes de Oliveira Bonifácio e Ana Paula Furtado Soares Pontes.

Já para a professora B, mesmo esta não tendo crianças, ela cuidava de uma pessoa idosa:

“Eu não tenho filhos pequenos, mas eu cuidava de uma idosa, minha vó, era um pouco como uma criança. Teve aquele processo de explicar a ela o que estava acontecendo, porque eu estava conversando ‘sozinha’ com o computador, porque eu não poderia estar ali com ela sempre que ela me chamasse, recorresse a mim.”

Sendo assim, foi preciso haver um diálogo com a família para que pudesse ser entendido e respeitado o momento o qual ela estava em casa, porém trabalhando.

A professora A contou que apesar de dividir a casa apenas com adultos, teve que saber manejar seu tempo, *“mesmo estando em um ambiente apenas com adultos, que compreendem melhor o trabalho de maneira remota, tive que parar para dividir meu tempo, como ‘esse horário é para coisas da escola, esse horário é para as atividades domésticas’ para não se atrapalhar na organização do tempo no decorrer do dia.”*

Para ela tão importante quanto saber administrar seu tempo para atividades escolares e atividades domésticas, foi também necessário aprender a fazer uso das tecnologias para levar a seus alunos o conhecimento da melhor maneira possível. Como foi apresentado anteriormente as professoras entrevistadas não tiveram nenhum preparo prévio para manejar essas tecnologias. Evidenciando o descaso das autoridades com a docência. Como Edna Câmara Monteiro aponta em seu artigo

Estamos historicamente vivenciando uma necessidade, que já era urgente, porém tornou-se essencial para manutenção, que é um movimento de discussão e defesa de investimento maciço, tanto em Políticas Sociais - uma vez que a igualdade e equidade de acesso aos bens sociais conversam com esta questão, quanto em Políticas Educacionais e de formação e valorização docente. (p. 3)

Para que os professores pudessem ter acesso à tecnologia, e fazer uso das mesmas em suas aulas, só foi possível por decorrência da pandemia, que se fez obrigatório o professor ter em mão tais ferramentas. Como reforça a autora, “Apenas munidos por este cenário e tendo desenvolvido as competências necessárias para o letramento em cultura digital dos professores poderemos adotar com tranquilidade os recursos digitais como auxiliares da aprendizagem.” (MONTEIRO, p. 4)

Apesar das muitas mudanças e conquistas sociais, ainda hoje sobrevivem algumas heranças da sociedade patriarcal em relação às mulheres, tais como o pensamento de que as mulheres devem priorizar o cuidado com a casa e filho, e o homem ser provedor financeiro desse lar - o espaço privado caberia as mulheres e o espaço público aos homens. Esse modelo tradicional de família que já não comporta mais a dinâmica da vida moderna sobrecarrega as mulheres no cotidiano, principalmente para aquelas que trabalham fora, pois além do trabalho, tem que dar conta dos afazeres domésticos que acabam acumulando-se. A afirmação de Wilma de Lana Bueno confirma essa afirmativa:

As mulheres que conseguiram alcançar postos privilegiados e com salários elevados delegaram as tarefas da casa e dos cuidados aos filhos a outras mulheres, diminuindo entre elas a tensão da escolha entre uma tarefa e outra. Já as mulheres pobres nunca tiveram as mesmas oportunidades, pois a maioria não tem oportunidades de se qualificar e obter rendimentos maiores. (p 1554).

A sobrecarga que essas mulheres tiveram durante esse período de conciliação, entre casa e trabalho conseqüentemente diminuiu a produtividade de muitas dessas profissionais, pois tinham que administrar atividades diversas, levando-as a desenvolver também problemas psicológicos.

O aumento da carga de trabalho procedente dos cuidados com os filhos e com a casa, além das atividades profissionais, geraram problemas emocionais, o que sinalizou para as instituições públicas a necessidade de se preocuparem com o bem-estar da mulher. Tal preocupação deve ser em particular, com a saúde mental, um fator sintomático do período de pandemia da covid-19, que conduziu muitas mulheres a repensar ou interromper suas carreiras, diminuindo o ritmo e a produtividade. (Bueno. 2020,).

Portanto por serem encarregadas de várias atividades, muitas dessas mulheres sofrem uma sobrecarga, que além de gerar o cansaço físico acarreta uma sobrecarga psicológica, fazendo com que muitas dessas mulheres por se sentirem cansadas em vários aspectos sejam obrigadas a abrir mão de sua vida profissional, pois muitas vezes não há quem possa lhe auxiliar em suas atividades domésticas ou cuidado com os filhos.

4 CONCLUSÃO

Analisar como foi o período inicial da pandemia no Brasil nos faz refletir um pouco sobre a educação brasileira das escolas públicas. Um território há muito esquecido pelos governantes, ao ver de perto e compreender como foi para as professoras enfrentar uma realidade devastadora mostra como é difícil ser um educador no Brasil. Além do descaso das autoridades, todo esse contexto de desvalorização em relação às estruturas educacionais também acaba sendo sentido pelos próprios estudantes, no desinteresse, na evasão escolar presentes na escola pública, gerando um quadro complexo que acaba desmotivando também o professor.

Entretanto, ao realizar as entrevistas para a execução desse trabalho, percebi que embora tenha sido um momento difícil e desafiador, muitas dessas professoras conseguiram se desdobrar e fazer o melhor com o que tinham a sua disposição, buscando de maneira efetiva levar o aprendizado até o aluno.

Portanto, fazendo uso de reflexões e pensamentos de autores lidos durante a confecção deste trabalho e das experiências face ao campo da educação, vivenciada por nossa sociedade atual ao longo destes últimos anos, compreendo que a educação é a base para a formação do um ser social comprometido com o outro; comprometido com o respeito ao diferente: mulher, criança, índio, negro.

Apesar de estarmos inseridos em uma sociedade a qual deixa as minorias a margem, tardando e dificultando o trajeto desses para um campo de trabalho bem-sucedido, mesmo que haja a possibilidade para os mesmos, as dificuldades são maiores.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. Sobre jequitibás e eucaliptos. In: **Conversas com quem gosta de ensinar**, 1ª ed. Guarulhos, São Paulo: Editora Cortez, 1980.
- ARAÚJO, Bruna Carvalho. Et al. **PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA DA GRANDE JOÃO PESSOA EM HOME OFFICE NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19**. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/81262>. Acesso em: 23/07/2022.
- BUENO, Wilma de Lara. **História das mulheres em tempos de pandemia**. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8661985/25879>. Acesso em: 20/07/2022.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história/Michel de Certeau**; tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CUNHA, Antônio Eugênio. **Crise atrás de crise: a educação vai quebrar o Brasil?** Disponível em: <https://abmes.org.br/blog/detalhe/18463/a-crise-da-educacao-no-brasil-e-no-mundo-causada-pela-pandemia>. Acesso em: 20/07/2022.
- GAIA, Ronan da Silva Parreira. Et al. **DESIGUALDADES SOCIORRACIAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA: considerações à luz do contexto da pandemia da COVID-19**. In: Reflexões e desafios das novas práticas docentes em tempos de Pandemia. Editora do CCTA, 2020.
- JÚNIOR, Luís Fernando Vabo. **A crise na educação no Brasil e no mundo causada pela pandemia**. Disponível em: <https://blogdovabo.com/2020/12/10/crise-atras-de-crise-a-educacao-vai-quebrar-o-brasil/>. Acesso em: 20/07/2022.
- LOPES, Marina. **O desafio de ser mulher, mãe e professora durante uma pandemia**. Disponível em: <https://porvir.org/o-desafio-de-ser-mulher-mae-e-professora-durante-uma-pandemia/>. Acesso em: 12/04/2022.
- LOURO, Guacira Lopes, FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana V. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero Sexualidade e Educação / Uma perspectiva pós estruturalista**. Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ, Vozes, 1997.
- MONTEIRO, Edna Câmara. **Educação na pandemia: a experiência de uma escola da rede municipal de ensino de campina grande (PB)**. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/68460>. Acesso em: 12/06/2022.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy, **História e História Cultural**. 3. ed. - Belo Horizonte: Autêntica 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu. As Relações de gênero e a pedagogia feminista. In: **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do Currículo** / Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2017.

VIEIRA, Nathan. **Como a pandemia impactou os professores das redes pública e privada - Educação**. Disponível em: <https://canaltech.com.br/educacao/como-a-pandemia-impactou-os-professores-das-redes-publica-e-privada-181717/>. Acesso em: 06/04/2022.

Connect Escolas. **Mulheres na educação: veja os avanços e acessos conquistados pelo público feminino**. Disponível em: <https://www.connectescolas.com.br/blog/mulheres-na-educacao-veja-os-avancos-e-acessos-conquistados-pelo-publico-feminino>. Acesso em: 22/07/2022.

Secretaria de Estado da Educação anuncia calendário de retorno 100% presencial para as escolas da Rede Estadual de Ensino. Disponível em: <https://paraiba.pb.gov.br/diretas/secretaria-da-educacao-e-da-ciencia-e-tecnologia/noticias/secretaria-de-estado-da-educacao-anuncia-calendario-deretorno-100-presencial-para-as-escolas-da-rede-estadual-de-ensino#:~:text=A%20Secretaria%20de%20Estado%20da,todas%20as%20modalidades%20de%20ensino>. Acesso em: 25/07/2022.

AGRADECIMENTOS

Não poderia deixar de agradecer primeiramente a Deus, meu Pai e criador, por ter me dado à força necessária e a estrutura para conseguir concluir minha graduação, pois passei momentos difíceis os quais Ele foi a minha fortaleza.

A minha tia Jane Laura, que me deu todo suporte para que eu pudesse seguir o curso, e todo apoio dado por ela. E os familiares que me deram apoio e acreditaram em mim. A alguns de meus colegas de turma, que me ajudaram em minhas dificuldades e me incentivaram a não desistir, e a todos que duvidaram e zombaram de mim, eles não sabem, mas ao duvidar também me incentivaram a mostrar que sim, eu sou capaz. Ao meu esposo pelo apoio moral.

Aos meus professores que me inspiraram em todo o curso, principalmente as mulheres que demonstraram força mesmo em tempos tão difíceis, e a todos meus professores de História do ensino básico, em especial Manoel Pimenta, o primeiro professor de História que eu tive no fundamental II, com quem aprendi que a História é essencial e encantadora, e aos demais, pois eles me fizeram admirar a História. As professoras que demonstraram forças no curso, principalmente nesse momento pandêmico, que me inspiraram na ideia do trabalho.

A minha orientadora Socorro Cipriano, a quem eu admirei na graduação, como mulher e como a excelente profissional que ela é, quem eu me inspiro a sempre dá o meu melhor na vida profissional que eu seguirei, ela sempre será meu exemplo de como ser uma pessoa e professora admirável. E as professoras que gentilmente cederam um pouco de seu tempo para responder algumas perguntas que foram essenciais para realização desse trabalho.

Não posso esquecer-me da minha melhor amiga, Raiza que acompanhou a lista de espera para mim, me avisou que eu tinha passado e me falou para realizar a matrícula, eu já não tinha esperança, sem ela eu não teria nem entrado no curso. E também me incentivou a não largar o curso, nos meus piores momentos.